



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11065 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 22 - Saberes Amazônicos e Educação Ambiental

## O SABER LOCAL SOBRE O CULTIVO DO GUARANÁ NA PERCEPÇÃO DE UM AGRICULTOR

Leandro Nogueira Batista - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Gelciane da Silva Brandão - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEAM - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas

## O SABER LOCAL SOBRE O CULTIVO DO GUARANÁ NA PERCEPÇÃO DE UM AGRICULTOR

Este trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa realizada no âmbito do mestrado acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Aborda especificamente, numa perspectiva fenomenológica Merleau-pontiana, o saber local sobre o cultivo do guaraná (*Paullinia cupana*) enquanto saber produzido em comunidades amazônicas a partir da percepção de um agricultor.

Nesse sentido, delinea-se a partir da seguinte questão: como os saberes locais orientam o cultivo do guaraná enquanto saber produzido a partir da percepção? Tem por objetivo compreender como o conhecimento construído na percepção das experiências do mundo vivido orienta o fazer sobre o cultivo do guaraná.

Com base nos resultados alcançados, entende-se que muitos saberes são construídos na percepção através da relação com o mundo das experiências os quais adquirem a capacidade para nortear não só o trabalho do agricultor em relação ao plantio, como também suas ações na vida caracterizando seu modo de existência.

### Introdução

Ao longo do tempo, a partir dos obstáculos que a vida lhe impôs, o ser humano criou maneiras de superá-los, isto é, aprendeu formas e técnicas de sobrevivência, seja manuseando materiais da natureza, seja utilizando os seus recursos e se adaptando ao ambiente. Tais ações

só foram (e são) possíveis graças a tendências de impulso da vida, o que Bergson (2010) denominou *impulso vital*.

Para o autor (2010), o ser, seja humano ou não humano, se caracteriza pela busca de mobilidade, por isso, todo ser vivo é um ser movente que se direciona para aquilo que é fundamental da vida, a ação sobre a matéria. Nesse sentido, visando a superação das resistências materiais, os seres se servem das tendências desse impulso vital, a saber: o instinto, a inteligência e a memória.

Sem a pretensão de aprofundar no pensamento do autor, percebe-se que no ser humano, dotado de instinto, pois visa a conservação do ser, ou seja, sua sobrevivência, mas sobretudo a partir da inteligência que ele se utiliza para superar os obstáculos impostos pela vida ao longo do tempo. Essa é uma característica que o distingue dos outros animais, a capacidade de pensamento, de criação.

Esta tendência permitiu a construção de muitos saberes atrelado à percepção que se tem do mundo a partir das suas vivências. Saberes que carregam essa característica e que são transmitidos de geração em geração pela oralidade e práticas cotidianas são os chamados saberes locais, sustentados pela tradição do fazer humano a partir das relações na e com a natureza.

No cenário amazônico, é possível encontrar uma infinidade de saberes construídos a partir dessa dinâmica, onde a percepção atua como mecanismo para a representação, isto é, para a construção de imagens a partir do percebido, cujo foco está naquilo que obtém para nós utilidade (BERGSON, 2010). Tendo em vista isso, conhecimentos são possíveis pela percepção, sobretudo os que requerem ação prática como no caso do cultivo de determinada espécie vegetal. São esses saberes que os agricultores de diversas comunidades amazônicas utilizam, ou melhor, se servem para orientar suas ações de plantio.

## **Método**

Adentrar a realidade dos povos amazônicos requer um esforço, tanto cognitivo para entender outras formas de ver o mundo e de compreendê-lo, como também de escrita do texto, visando descrever as suas ações sem deixar contaminá-lo com uma visão particular sobre as coisas, uma vez que, a experiência não deixa de ser submetida à interpretação. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro já chamava a atenção em relação ao nativo em seus ensaios antropológicos, a relação com o “outro” (aqui se refere aos povos amazônicos) requer consideração mútua, em respeito às diferenças, o que ele chamou perspectivismo, maneiras de ver as coisas em diferentes pontos de vista (VIVEIROS DE CASTRO, 1996).

Nesse sentido, optou-se pelo exercício do método fenomenológico (MERLEAU-PONTY, 2018) cuja ação é ir às coisas mesmas, suspender os (pré)conceitos que precedem a realidade daquele que se mostra, ir em direção à essência na essência, buscando perceber e conhecer o fenômeno. Para isso, foi necessário o exercício da percepção no contato direto do mundo vivido com o outro. Utilizou-se então a pesquisa de campo para o contato direto com o sujeito da pesquisa. O agricultor, cujo nome adotado é fictício, é morador de uma

comunidade do interior do município de Parintins no Amazonas, cujo saber é referente ao cultivo do guaraná.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a observação direta, livre e participante a partir do acompanhamento da cotidianidade do agricultor em suas práticas laborais de cultivo. Os registros dos diálogos deram de forma escrita, gravada e com a produção fotográfica de registros visuais.

A partir da descrição dos dados coletados procedeu-se à análise de maneira interpretativa a partir do método fenomenológico, considerando os elementos que lhe conferem rigor: epoché, redução e interpretação fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1983). Segundo os autores, a epoché se caracteriza como o momento de suspensão do fenômeno, evitar olhar as coisas a partir de nosso ponto de vista, a redução consiste na descrição do fenômeno cuja análise ocorre considerando os dois aspectos na interpretação fenomenológica, que requer uma hermenêutica mediada pela facticidade.

Vale salientar que os dados aqui expostos foram tratados considerando a ética na pesquisa, cujas imagens e relatos foram cedidas com permissão dos sujeitos através de termo de consentimento. Obteve-se parecer junto ao Comitê de ética conforme CAAE.

### **Resultados e discussão: saberes sobre o cultivo do guaraná (*Paullinia cupana*)**

Durante o convívio na vivência do agricultor, os aspectos do sentir, olhar, ver e ouvir se constituíram como fundamentais na aproximação do fenômeno, como um ato de doar-se à experiência pelo próprio investigador. Este esforço que requer a fenomenologia, dirigir-se à compreensão do fenômeno sendo necessário atentar-se ao significado que o próprio sujeito tem mediante suas experiências no mundo.

É válido destacar que os saberes apresentados não obedeciam a uma sequência como respostas obtidas através de um questionário. Nos primeiros dias de acompanhamento do cotidiano do agricultor não se via um progresso em relação aos saberes existentes. Organizou-se a escrita de modo que os dados obtidos fossem mostrados desde o processo inicial até o final incluindo os saberes revelados durante vários momentos da experiência vivida.

A agricultura enquanto atividade que permite a relação do ser humano com as plantas consiste desde muito tempo no modo de prover existência de muitos povos de diferentes comunidades amazônicas, como no caso de Seu Carlos, aqui assim chamado, que pratica agricultura desde jovem. Através do cultivo do guaraná, realizado de maneira tradicional, quer dizer, sem instrumentos sofisticados e recursos avançados, ele garante retorno financeiro, no entanto, tal atividade é exercida com prazer e satisfação, no momento da pesquisa, ele inclusive tinha planos de expandir a produção.

Carlos é morador da Comunidade chamada Maranhão, pertencente à Gleba de Vila Amazônia, cerca de 45 minutos por via fluvial da cidade de Parintins no interior o estado do Amazonas. O meio de transporte utilizado para chegar até a comunidade é o barco fluvial, motor rabeta ou lancha. O tempo é relativo e varia de acordo com o período de cheia ou vazante do rio, já que no período de seca a viagem chega a dobrar o tempo uma vez que é

preciso tomar outro percurso.

Os saberes eram expressos a partir dos diálogos com ele enquanto estávamos caminhando até o roçado, no momento das atividades de cultivo e na casa de farinha. Vale dizer que apesar de ele não produzir a farinha, o local também é assim denominado, talvez pela familiaridade do termo. A prática do cultivo do guaraná é realizada de maneira individual por ele, desde o plantio até o processo final, o que poderíamos denominar de agricultura familiar.

Em meio a plantação, existe uma prática que é realizada por seu Carlos como técnica para aproveitamento de espaço, a chamada *consorciação de culturas*. Esta prática consiste em plantar uma espécie diferente na mesma área de modo a aproveitar o terreno, demonstra um saber que é realizado pelo agricultor. Em diálogo ele relata: “Planto fazendo *consorciamento*, junto com o guaraná eu planto a Andiroba (*Carapa guianensis*), essas plantas não competem pelo sol, porque o guaraná precisa ficar assim mais na sombra e como a andiroba cresce alto ela protege”. Nota-se que, além do espaço, esta técnica ajuda na contribuição do desenvolvimento das plantas cultivadas.

O cultivo das plantas, nos chamados consórcios, é praticado há séculos, sobretudo por pequenos produtores, consiste na tentativa de obter o máximo de recursos disponíveis. Ele é caracterizado pela maximização do espaço mediante o cultivo simultâneo no mesmo local, podendo ser feito com duas ou mais espécies (HERNANI; SOUZA; CECCON, 2020).

O trabalho possui uma etapa que é considerada mais difícil. Seu Carlos diz que: “Pra limpar o roçado, dá um trabalho, tem que roçar tudo, o mato cresce muito rápido, fica um matagal”. Segundo ele, a limpeza da área é a parte mais complicada, haja vista que demanda tempo e esforço, além disso, ele faz tudo sozinho e tal tarefa demanda dias. Devido ao rápido crescimento, essa tarefa deve ser realizada periodicamente.

Segundo Merleau-Ponty (2018, p. 378), “toda percepção supõe certo passado do sujeito que percebe”. Nesse sentido, durante os diálogos com Seu Carlos, teve-se a oportunidade de conhecer como ele aprendeu as técnicas de cultivo. Quanto a isso ele conta: “Aprendi assim né, vendo com a convivência, os mais velhos fazendo e depois com os amigos da comunidade, aí vai praticando”. É possível perceber que o saber adquirido está relacionado às observações cotidianas das experiências empíricas. Desde jovem, via os mais velhos realizando tais atividades e depois começou a praticar, diz ele. A importância do fazer é evidente para a construção do saber prático. E dessa forma, constitui-se a tradição, em cujos conhecimentos são mantidos entre gerações.

O guaraná (*Paullinia cupana*) é uma planta nativa da Amazônia que possui propriedades estimulantes e medicinais, por isso é utilizado há séculos pelos indígenas. No estado do Amazonas sua floração acontece do mês de julho a setembro (EMBRAPA, 1998). É sob a percepção de Carlos que é descrito o processo de cultivo do guaraná buscando comparar com o modo especializado encontrado na literatura científica.

É pela percepção que ele identifica a planta no mato, pois ao acompanhá-lo percebeu-se que fica numa área fechada com árvores maiores, muitas delas Andirobeira (*Carapa guianensis*): “Eu identifico pela folha”. Ele relata dois tipos (espécies) da planta “Tem o guaraná clonado que é pequeno ou *modificado* como chamam, mas ele não é aceito na região, é ruim para o comércio”.

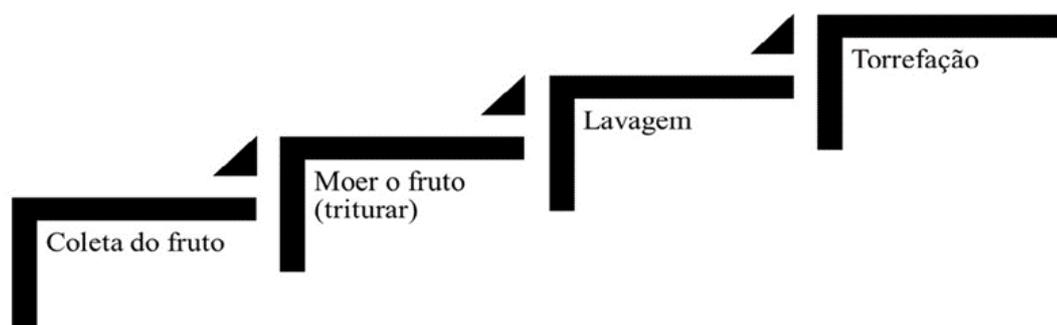
No momento da coleta de dados ele relatou que exerce o cultivo do guaraná há cinco anos e resolveu começar o cultivo e a produção “porque compensa bastante”, “A produção é um modo de pagar as dívidas”, disse ele. Uma vez que o saber foi adquirido, foi só colocar em prática. Segundo ele, o guaraná é uma espécie nativa do mato, usado pelos indígenas.

Em relação ao processo de cultivo ele relata que após a limpeza do roçado começa o plantio. Para proceder o plantio “pega a *muda* pelo mato e planta a *muda* e não a semente”, pois pela semente o processo é mais demorado, diz ele.

Depois do plantio, ele conta que “vai coroando”, ou seja, a terra deve ser acomodada ao redor da planta, sem deixar compactá-la, ela precisa ficar mais “solta”, caso contrário, a raiz pode não se desenvolver. É possível identificar saberes que são aplicados no processo. Segundo a Embrapa, o *coroamento* consiste na limpeza periódica em volta do tronco da planta, pois ela é muito sensível às plantas invasoras (EMBRAPA, 1998).

Na frutificação, quando o guaraná se apresenta maduro, procede-se a colheita. Carlos relata que ela começa em meados do mês de outubro e acrescenta: “Ele dá somente uma vez ao ano. Os frutos demoram cerca de sete a oito meses para brotar”. No início do período, “eles vão frutificando aos poucos, começa a apanhar um a um e depois que estão mais maduros tira todo o *cacho*. Ele dá de cacho, igual de uva”. A literatura especializada aponta que “os frutos do guaranazeiro amadurecem de forma desigual. Por esta razão, a colheita é feita várias vezes na mesma planta. Na região, a colheita se inicia no período que vai de outubro a dezembro” (EMBRAPA, 1998, p.14). Constata-se que tal informação é corroborada com a fala de Carlos. Durante as conversas informais com o agricultor, foi possível constatar em vários momentos que o processo de cultivo expressa que os saberes foram construídos com base em experiências empíricas ao observar os mais velhos e pessoas da comunidade. Ele nunca estudou técnicas de cultivo especializadas.

A partir das observações diretas do fazer de Carlos, buscou-se descrever de modo sintético e organizado as etapas de preparação do guaraná, mostrados a seguir. O procedimento consiste basicamente em quatro etapas identificadas (Figura 1). Estas etapas são descritas considerando os diálogos com Carlos e sintetizados na figura 2 (exceto lavagem cujo registro não foi obtido):



**Figura 1:** etapas realizadas pelo agricultor.  
**Fonte:** organizado pelos autores.

### **A colheita do guaraná**

O agricultor relata: “Apanha quando tá aberto, não apanha só o olho e sim com toda casca”. Quando maduro o fruto se abre, mas é necessário colher ele inteiro, Carlos utiliza uma pequena tesoura de poda para retirar somente os que estão completamente maduros. A literatura destaca que “os frutos do guaranazeiro, quando maduros, apresentam uma coloração vermelho-alaranjada e abrem-se parcialmente deixando as sementes expostas, ganhando aspecto de olho humano” (EMBRAPA, 1998, p. 14).

Carlos ainda comenta que o fruto “Tem um *leite* na folha e caule que causa *noda*”. Por esse motivo é preciso se precaver se não estiver com uma vestimenta adequada pois, adaptando a fala do agricultor, sabe-se que a planta possui uma seiva que quando em contato com a pele e com tecidos provoca manchas. A etapa de coleta deve ser feita em certo período já que quando o fruto está maduro deve-se colher logo para não estragar: “Quando ele abre (o fruto) aguenta uns quatro dias, depois disso o *branco* que forma o *olho* apodrece com chuva ou o tempo e ele cai no chão, aí se torna ruim para colher por que é uma mão de obra”. Essa observação revela a temporalidade em relação ao tempo de maturação do fruto, obtidos na percepção, como consequência o trabalho será maior já que será necessário fazer a separação dos frutos bons e os apodrecidos.

Segundo a Embrapa (1998, p. 14), após a colheita, os frutos são colocados para fermentar, amontoados ou em sacos, por um período de 3 dias. Em seguida, faz-se o despulpamento e a lavagem das sementes”. O guaraná colhido é deixado por um período em sacos de fibra até estarem prontos para o passo seguinte.

### **Moer o fruto**

Com relação ao destaque da citação da Embrapa para a fermentação, Carlos não mencionou em detalhes, mas é possível que esse procedimento tenha sido cumprido já que o processo seguinte não é realizado no mesmo dia, não se pode ter precisão uma vez que a consulta na literatura foi realizada posteriormente. O guaraná tem que ser pilado (moído) “Tem que pilar pra separar da casca”; geralmente se utiliza um pilão, instrumento feito de madeira para moer alimentos, mas seu Carlos improvisa com um recipiente plástico.

### **Lavagem**

Após esta etapa segue-se a lavagem: “coloca na água de molho. A casca *sobe* (bóia) na água e faz uma coagem, que fica limpo” diz o agricultor. Este procedimento geralmente é feito em um dia e segue-se para próxima etapa no dia seguinte.

### **Torrefação do guaraná**

A torrefação consiste em torrar o guaraná: “Depois disso vai pro forno torrar”, Carlos chama o procedimento de *torração*. Pode levar horas, é cansativo e requer bastante esforço pois não se pode parar de “mexer” o guaraná no forno para não queimar, para isso é utilizado um rodo de madeira em movimentos constantes. A torragem ou torrefação como é dita na forma especializada é realizada por ele em um forno metálico, mas comenta que o melhor é em forno de barro porque evita de queimar com facilidade como no de metal por qualquer descuido.

É percebido que até os movimentos executados nesta etapa revelam um saber prático do agricultor. Vale dizer que após a colheita, os demais procedimentos são realizados na casa de

farinha. Uma vez concluída a torrefação, o guaraná é armazenado para não estragar: “Dura pra mais de um ano” diz Carlos.



**Figura 2:** etapas de preparação do guaraná.  
**Fonte:** autor, 2019.

Rememora-se a um dos episódios enquanto estávamos no guaranazal de Carlos, quando se conversava, um pássaro grande assusta ao levantar voo de debaixo de um pé de guaraná. Seu Carlos comenta “Isso aí era um jacu-açu, ele se alimenta por aqui. Esse pássaro serve de alimento, tem gosto de galinha. Eles comem o caroço *preto* do guaraná, mas não causam prejuízo à plantação”. Faz-se esse adendo no sentido de explicitar a relação simultânea com os elementos da natureza, demonstrando ainda mais saberes sobre o lugar. Ademais, não se pode precisar realmente a espécie da ave, uma vez que em consulta a literatura pelo nome indicado, corresponde a uma ave cuja distribuição geográfica refere-se ao sul e sudeste do Brasil.

### **Considerações finais**

A partir da problemática de como os saberes locais com base na percepção orientam o fazer e a vida dos agricultores de comunidades amazônicas, o objetivo consistiu em compreender como tais saberes adquirem significado que implicam no modo de existência de tais sujeitos. Entende-se que a vida do ser humano amazônico é norteadora por uma gama de saberes práticos e que são suficientes para prover seu modo de existência.

Salienta-se que dos mais longínquos lugares da Amazônia emanam saberes que podem ser utilizados no processo educacional visando corroborar com o processo de ensino. Sem contar que a forma tradicional de seu fazer em relação ao cultivo é autossustentável e evidencia que as técnicas e práticas se fazem em respeito a natureza, uma vez que se utiliza de seus recursos sem agredir a floresta.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Saberes amazônicos. Cultivo do guaraná.

### **Referências**

BERGSON, Henri (1859-1941). **A evolução criadora**. Tradução Adolfo Casais Monteiro. São Paulo, E. Unesp, 2010.

EMBRAPA, Centro de Pesquisa Agroflorestral da Amazônia Ocidental. **Guaraná como cultivar**. EMBRAPA-CPAA, Manaus, 1998.

HERNANI, Luis Carlos; SOUZA, Luíz Carlos Ferreira de; CECCON, Gessi. **Consortiação de Culturas**. Ageitec – Agência Embrapa de Informação tecnológica. Disponível em: [http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/sistema\\_plantio\\_direto/arvore/CONT000fx4zsnby](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/sistema_plantio_direto/arvore/CONT000fx4zsnby)  
Acesso em: 10 fev. 2020.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Mota. 5ª edição, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2018.

Viveiros de Castro, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana** [online]. 1996, v. 2, n. 2, pp. 115-144. Disponível em: . Acesso em 21 fev. 2022.